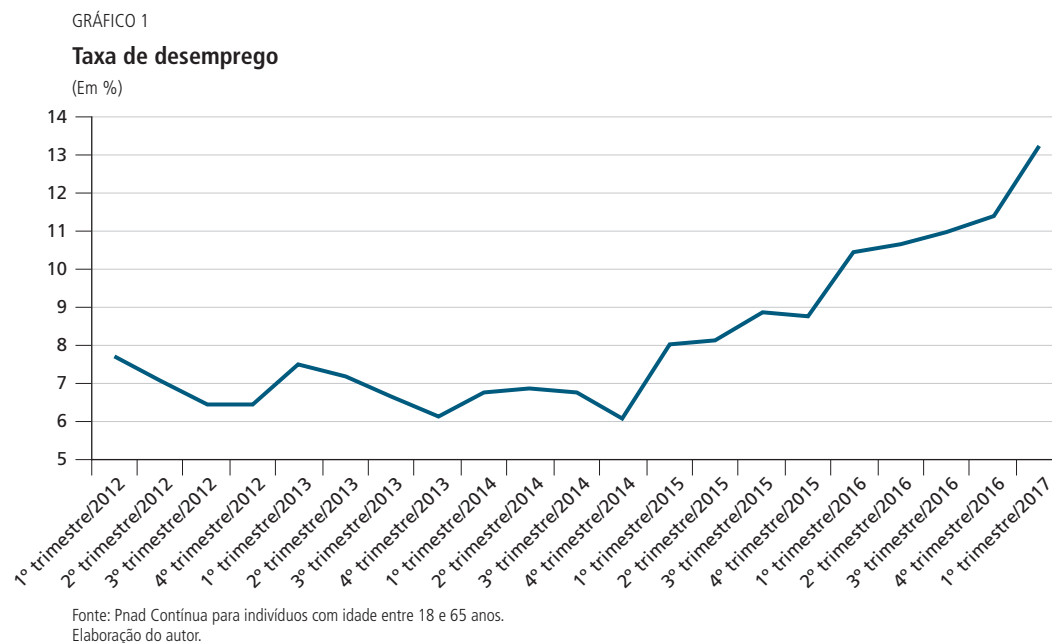


COMO AS CONDIÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO INFLUENCIAM AS TRANSIÇÕES DO DESEMPREGO PARA O EMPREGO?

Mauricio Cortez Reis¹

1 INTRODUÇÃO

A taxa de desemprego no Brasil aumentou bastante a partir de 2015. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) para indivíduos com idade entre 18 e 65 anos, menos de 7% da força de trabalho brasileira encontrava-se desempregada no primeiro trimestre de 2014. Apenas três anos depois a taxa de desemprego já era superior a 13% (gráfico 1).



1. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. E-mail: <mauricio.reis@ipea.gov.br>.

Essa situação recente de deterioração do mercado de trabalho pode representar maiores dificuldades para os trabalhadores que se encontram em busca de um emprego. Esse resultado depende da intensidade relativa de dois efeitos. Uma situação desfavorável do mercado de trabalho deve tornar os desempregados mais propensos a aceitar ofertas de emprego que não aceitariam, caso a conjuntura fosse melhor, mas também deve levar a uma queda na demanda por trabalho, reduzindo as ofertas de emprego.

Esta nota tem como objetivo investigar a influência das condições do mercado de trabalho sobre a probabilidade de um indivíduo transitar do desemprego para o emprego. Para isso, a análise empírica explora as intensas oscilações verificadas no mercado de trabalho brasileiro durante o período recente. Em particular, a abordagem principal consiste em comparar dois períodos com cenários bastante distintos. No primeiro, são considerados os indivíduos desempregados em 2012, período caracterizado por taxas de desemprego relativamente baixas, enquanto no segundo período são considerados os desempregados em 2016, quando as taxa de desemprego atingiram patamares bem mais elevados.

2 DADOS

Na análise empírica, são usadas informações da Pnad Contínua, calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o período entre o primeiro trimestre de 2012 e o primeiro trimestre de 2017. A partir da estrutura longitudinal da Pnad Contínua, os mesmos indivíduos podem ser entrevistados em até cinco trimestres consecutivos.

A amostra utilizada é limitada aos indivíduos desempregados durante a primeira entrevista na Pnad Contínua. Para esses trabalhadores, é computada a duração do desemprego usando informações sobre o tempo de procura por emprego em meses.² Com a Pnad Contínua, é possível determinar se os indivíduos desempregados na primeira entrevista encontraram emprego na entrevista subsequente ou se permaneceram desempregados. Como determinantes da probabilidade de transitar do desemprego para o emprego, são consideradas, além da própria duração do desemprego, algumas características do trabalhador, como: o nível de escolaridade, representado por *dummies* para sete grupos educacionais;³ a idade; o gênero; e o local de residência, representado por variáveis *dummy* para Unidade da Federação (UF).

São incluídos na amostra apenas os desempregados na primeira entrevista que permaneceram no mercado de trabalho durante a segunda entrevista, ocorrida com o intervalo de um trimestre em relação à primeira. A amostra é limitada também aos indivíduos com idade entre 18 e 65 anos.

2. Note que o tempo sem emprego pode ser mais curto do que a duração do desemprego computada dessa maneira, caso o indivíduo inicie a busca ainda empregado.

3. A escolaridade é representada por *dummies* para os seguintes grupos: *i*) sem escolaridade (grupo de referência); *ii*) fundamental incompleto; *iii*) fundamental completo; *iv*) médio incompleto; *v*) médio completo; *vi*) superior incompleto; e *vii*) superior completo.

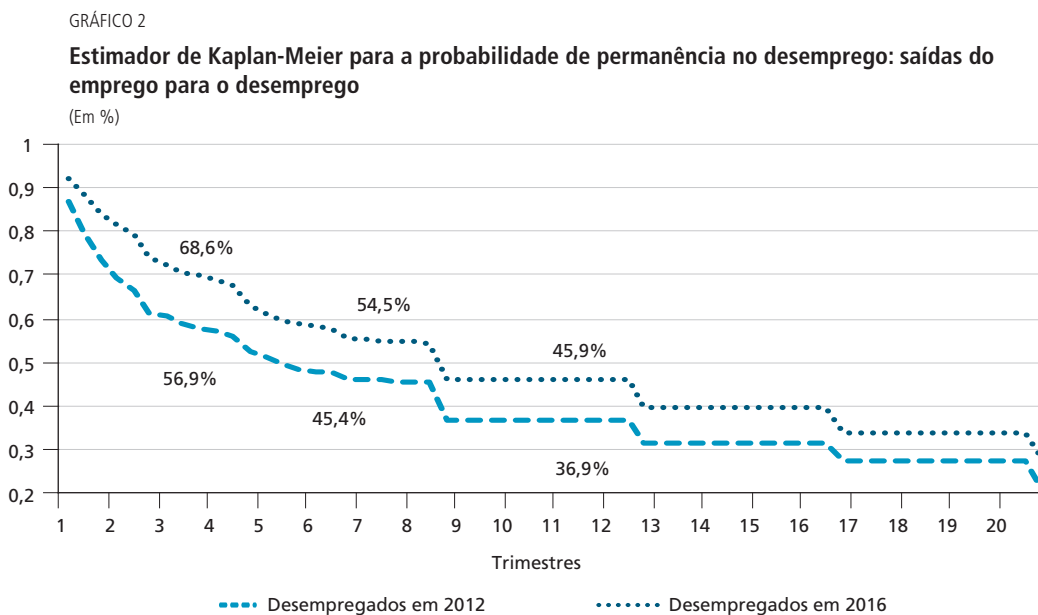
3 RESULTADOS

O gráfico 2 apresenta as probabilidades de um indivíduo desempregado permanecer nessa condição em função do tempo de busca por emprego, usando o estimador de Kaplan-Meier. Os resultados são mostrados separadamente para amostras de desempregados em 2012 e em 2016.

Em 2012, a probabilidade de um indivíduo permanecer desempregado após um ano procurando por emprego é estimada em 56,9%, e diminui para 45,4% para o intervalo de dois anos de busca. A probabilidade estimada de ainda permanecer desempregado após três anos procurando por emprego é igual a 36,9% nesse período, caracterizado por uma situação melhor do mercado de trabalho. Já para a amostra de desempregados em 2016, a probabilidade de permanecer desempregado após um ano é estimada em 68,6%, quase 12 pontos percentuais (p.p.) superior à obtida para o período anterior. Mesmo após dois anos de busca por emprego, a probabilidade de permanecer desempregado é de 54,5% no período mais recente, enquanto a probabilidade de ainda continuar desempregado depois de três anos é estimada em 45,9%. As diferenças entre os períodos analisados situam-se em torno de 10 p.p. para as probabilidades estimadas de permanência no desemprego após dois e três anos procurando emprego.

As transições do desemprego para o emprego parecem variar bastante, dependendo da condição geral do mercado de trabalho, tornando-se bem menos frequentes quando a taxa de desemprego alcança patamares mais elevados. É interessante notar que, em 2012, a probabilidade de permanecer desempregado após um ano de busca é semelhante à verificada para um período de busca de dois anos em 2016. Resultados semelhantes também são encontrados comparando o período de dois anos de busca em 2012 com o período de três anos de procura por emprego em 2016.

Os resultados do gráfico 2 indicam, portanto, que a redução na probabilidade de os trabalhadores desempregados receberem ofertas de emprego nos períodos em que a situação do mercado de trabalho está pior parece mais do que compensar o efeito da redução no salário de reserva que costuma ocorrer durante esses períodos.



Fonte: Pnad Contínua para indivíduos com idade entre 18 e 65 anos.

Nas colunas (1) e (2) da tabela 1, são apresentados os resultados estimados para a probabilidade de saída do desemprego em que a função risco, que é a probabilidade de transição do desemprego para o emprego em determinado instante de tempo, dado que o indivíduo permaneceu desempregado até esse mesmo período, é uma Weibull, enquanto nas colunas (3) e (4) a função risco é representada pelo modelo de Cox (Van den Berg, 2000). Os resultados reportados na tabela 1 são estimados usando informações para o período completo, do primeiro trimestre de 2012 até o primeiro trimestre de 2017. Nas colunas (1) e (3), a situação da economia durante o período de busca por emprego é representada por *dummies* de ano, e a taxa de desemprego na UF do indivíduo é usada para representar esse fator nas colunas (2) e (4). Em ambos os casos, as variáveis são referentes à primeira entrevista do indivíduo na Pnad Contínua.

TABELA 1

Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego

Variável	Weibull		Cox	
	(1)	(2)	(3)	(4)
Idade	-0,009 (0,002)	-0,010 (0,002)	-0,003 (0,001)	-0,004 (0,001)
Mulher	-0,809 (0,033)	-0,802 (0,033)	-0,464 (0,019)	-0,456 (0,019)
Negro	0,040 (0,036)	0,089 (0,035)	0,018 (0,021)	0,053 (0,020)
Escolaridade				
Fundamental incompleto	-0,028 (0,075)	-0,053 (0,076)	-0,025 (0,043)	-0,042 (0,043)
Fundamental completo	-0,327 (0,086)	-0,373 (0,086)	-0,186 (0,049)	-0,214 (0,049)
Médio incompleto	-0,524 (0,089)	-0,558 (0,089)	-0,311 (0,052)	-0,332 (0,052)
Médio completo	-0,62 (0,074)	-0,695 (0,075)	-0,36 (0,043)	-0,406 (0,043)
Superior incompleto	-0,693 (0,098)	-0,761 (0,098)	-0,424 (0,057)	-0,464 (0,057)
Superior completo	-0,716 (0,090)	-0,79 (0,091)	-0,434 (0,053)	-0,481 (0,053)
Ano				
2013	0,118 (0,052)	-	0,074 (0,030)	-
2014	-0,034 (0,0520)	-	-0,024 (0,030)	-
2015	-0,209 (0,0501)	-	-0,13 (0,030)	-
2016	-0,586 (0,048)	-	-0,36 (0,029)	-
Taxa de desemprego na UF	-	-0,143 (0,006)	-	-0,085 (0,004)
Parâmetro α	1,258 (0,008)	1,259 (0,008)	-	-
Parâmetro σ -quadrado	5,739 (0,138)	6,097 (0,142)	-	-
Observações	41.827	41.827	41.827	41.827

Fonte: Pnad Contínua para indivíduos com idade entre 18 e 65 anos.

Obs.: 1. Os erros-padrão são apresentados entre parênteses, abaixo dos coeficientes estimados.

2. As regressões nas colunas (1) e (3) incluem *dummies* para as UF.

Nas duas especificações com *dummies* de ano, os resultados mostram que a probabilidade de saída do desemprego é significativamente maior em 2013 do que em 2012, que é o ano de referência, enquanto não há evidência de diferença estatisticamente significativa entre 2012 e 2014. Com o aumento da taxa de desemprego agregado a partir de 2015, a probabilidade de transição do desemprego para o emprego passa a diminuir substancialmente, e intensifica-se ainda mais em 2016.

Os resultados dos coeficientes associados com a taxa de desemprego na UF de residência também indicam, nas duas especificações da tabela 1, que as transições para o emprego são dificultadas nos períodos mais desfavoráveis para o mercado de trabalho. A dependência da duração é positiva, indicando que a probabilidade de transição para o emprego aumenta com o tempo de desemprego do indivíduo.⁴

Com relação aos demais determinantes da duração do desemprego, a probabilidade de deixar o desemprego é menor para os trabalhadores mais velhos e para os mais escolarizados, assim como também é menor para as mulheres do que para os homens.⁵ O fato de o indivíduo ser negro ou pardo tem efeito positivo sobre a saída do desemprego nas colunas (2) e (4), sendo não significativo nas demais.

Na tabela 2, são comparados os resultados estimados para os desempregados em 2012 com aqueles obtidos para os desempregados em 2016. Podem ser notadas algumas diferenças na maneira como determinadas características influenciam a probabilidade de um indivíduo deixar o desemprego em cada um desses dois períodos. No período com taxas de desemprego mais baixas, a probabilidade de transição para o emprego é maior para os mais jovens, mas essa diferença por idade desaparece com taxas de desemprego mais elevadas. Como mostrado na tabela 1, as mulheres apresentam probabilidades mais baixas do que os homens de saírem do desemprego. Essas diferenças por gênero mostram-se ligeiramente mais acentuadas quando a situação do mercado de trabalho é mais favorável. Nos dois períodos analisados na tabela 2, as diferenças entre negros e brancos não são estatisticamente significativas.

Com taxas de desemprego agregado mais baixas, o grupo de escolaridade com menor probabilidade estimada de deixar o desemprego é composto pelos indivíduos com ensino superior completo, que devem ter um salário de reserva mais alto. Já nos períodos em que a condição do mercado de trabalho é pior, a diferença entre os indivíduos com ensino superior e aqueles com baixa escolaridade passa a ser menor.

4. As regressões nas colunas (1) e (2) incluem um termo para heterogeneidade não observada.

5. Esses resultados são semelhantes aos obtidos por Reis (2015) com dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) para as seis principais regiões metropolitanas do Brasil e por Menezes-Filho e Picchetti (2000) para a região metropolitana de São Paulo, também usando dados da PME.

TABELA 2

Resultados estimados para transições do desemprego para o emprego

Variável	Weibull		Cox	
	2012	2016	2012	2016
	(1)	(2)	(3)	(4)
Idade	-0,017 (0,002)	0,003 (0,003)	-0,008 (0,002)	0,003 (0,002)
Mulher	-0,819 (0,074)	-0,783 (0,069)	-0,460 (0,043)	-0,448 (0,041)
Negro	0,040 (0,079)	0,071 (0,077)	0,021 (0,046)	0,031 (0,045)
	Escolaridade			
Fundamental incompleto	-0,253 (0,163)	0,131 (0,161)	-0,135 (0,094)	0,052 (0,091)
Fundamental completo	-0,471 (0,183)	0,042 (0,183)	-0,229 (0,104)	0,021 (0,105)
Médio incompleto	-0,974 (0,195)	-0,309 (0,182)	-0,529 (0,113)	-0,198 (0,105)
Médio completo	-0,799 (0,161)	-0,532 (0,156)	-0,420 (0,092)	-0,321 (0,089)
Superior incompleto	-0,775 (0,222)	-0,738 (0,192)	-0,417 (0,128)	-0,466 (0,112)
Superior completo	-1,158 (0,219)	-0,467 (0,180)	-0,667 (0,125)	-0,274 (0,105)
Parâmetro α	1,217 (0,015)	1,216 (0,170)	- -	- -
Parâmetro σ -quadrado	5,29 (0,228)	5,51 (0,284)	- -	- -
Observações	7.127	11.857	7.127	11.857

Fonte: Pnad Contínua para indivíduos com idade entre 18 e 65 anos.

Obs.: 1. Os erros-padrão são apresentados entre parênteses, abaixo dos coeficientes estimados.

2. Todas as regressões incluem *dummies* para as UF.

4 CONCLUSÕES

Os resultados estimados indicam que uma situação pior do mercado de trabalho está associada a uma probabilidade mais baixa de transição do desemprego para o emprego. Ou seja, a redução na demanda por trabalho provocada por uma conjuntura recessiva parece mais do que compensar um possível aumento na propensão dos trabalhadores desempregados a aceitarem ofertas de emprego menos atrativas nos períodos de crise, ofertas que não aceitariam com uma conjuntura mais favorável.

As evidências também mostram que alguns subgrupos populacionais, como os mais jovens e os menos escolarizados, parecem particularmente mais afetados pela conjuntura do mercado de trabalho. Esse resultado pode ser consequência tanto de uma redução nas

oportunidades oferecidas para esses trabalhadores quanto de uma diminuição no salário de reserva dos indivíduos mais velhos e dos mais escolarizados nos períodos de recessão.

Esse cenário observado no mercado de trabalho brasileiro para o período mais recente deve impor mais dificuldade para aqueles que desejam deixar a condição de desempregado. De acordo com os resultados aqui apresentados, portanto, no custo proporcionado por esse aumento da taxa de desemprego, deve ser considerada também uma piora nas perspectivas daqueles que desejam trabalhar, mas não têm emprego.

REFERÊNCIAS

MENEZES-FILHO, N.; PICCHETTI, P. Os determinantes da duração do desemprego em São Paulo. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 30, n. 1, p. 23-48, 2000.

REIS, M. Uma análise da transição dos jovens para o primeiro emprego no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 69, n. 1, p. 105-124, 2015.

VAN DEN BERG, G. Duration models: specification, identification, and multiple durations. *In*: HECKMAN, J. J.; LEAMER, E. (Eds.). **Handbook of econometrics**. Holland: Elsevier, 2000. v. 5.

